

## ANOTAÇÕES SOBRE AS CORES



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES

Coordenadora Geral da Universidade

MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS RAUL ETULAIN

CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO – DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN

IARA BELELI – IARA LIS SCHIAVINATTO – MARCO AURÉLIO CREMASCO

PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE

Coleção Fausto Castilho de Filosofia

Série Multilíngues

Coordenação

ALEXANDRE GUIMARÃES TADEU DE SOARES (UFU)

OSWALDO GIACOIA JUNIOR (UNICAMP)

Comissão editorial

DANIEL GARBER – FRANKLIN LEOPOLDO E SILVA – GIULIA BELGIOIOSO

Representante do Conselho

CÍCERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO

Ludwig Wittgenstein

# ANOTAÇÕES SOBRE AS CORES

Edição em alemão e em português

*Apresentação, estabelecimento do texto, tradução e notas*  
João Carlos Salles Pires da Silva

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

---

W784a Wittgenstein, Ludwig, \d 1889-1951.  
Anotações sobre as cores – Bemerkungen über die Farben / Ludwig Wittgenstein ; apresentação, estabelecimento do texto, tradução e notas : João Carlos Salles Pires da Silva. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2009.

Texto em alemão e português.

1. Cores. 2. Linguagem. 3. Filosofia austríaca. 4. Lógica. 5. Necessidade (Filosofia). I. Silva, João Carlos Salles Pires da. II. Bemerkungen über die Farben. III. Título.

ISBN 978-85-268-0837-9

CDD 752  
400  
193  
160  
123.7

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Cores	752
2. Linguagem	400
3. Filosofia austríaca	193
4. Lógica	160
5. Necessidade (Filosofia)	123.7

Título original

*Ludwig Wittgenstein: Remarks on Colour*

Copyright © G. E. M. Anscombe, 1977

Copyright da tradução © by João Carlos Salles Pires da Silva

Copyright © 2009 by Editora da Unicamp

3ª reimpressão, 2023

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp

Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar  
Campus Unicamp

CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728

[www.editoraunicamp.com.br](http://www.editoraunicamp.com.br) [vendas@editora.unicamp.br](mailto:vendas@editora.unicamp.br)

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: AS ANOTAÇÕES SOBRE AS CORES DE WITTGENSTEIN .....	7
ANOTAÇÕES SOBRE AS CORES I .....	23
ANOTAÇÕES SOBRE AS CORES II .....	59
ANOTAÇÕES SOBRE AS CORES III .....	65
ANOTAÇÕES SOBRE AS CORES IV .....	201
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	205



APRESENTAÇÃO  
AS ANOTAÇÕES SOBRE AS CORES DE WITTGENSTEIN

*João Carlos Salles*

1.

O estado e a história das edições dos textos de Wittgenstein têm alimentado a idéia (apenas em parte verossímil) de um pensador assaltado por reflexões descontínuas, disperso entre temas díspares, que seu vigor intelectual tornava coetâneos. Em um pensador assim, a reiteração de motivos e temas, o recurso a expedientes assemelhados, o retorno obsessivo a questões “banais”, tudo isso apareceria como vício, nunca como virtude. A edição cuidadosa do seu espólio tem desfeito tal preconceito, pois nos mostra o cuidado constante, a reiteração, a recorrência, não como simples obsessões ou fraquezas, mas como nota característica de um pensador metuculoso, radical, trabalhando com (ou contra) seus textos e textos alheios. Nesse sentido, também o texto das *Bemerkungen über die Farben* (por alguns descrito como coleção solta de reflexões, muitas delas pouco claras e mal escritas) apresenta-nos um filósofo que elabora projetos, cumprindo-os por inteiro — no caso, mediante a crítica aos textos de Goethe, de Runge e dos psicólogos da *Gestalt*. Um pensador, enfim, amiúde malsucedido em seu afã de conferir a seu trabalho uma forma final, ordenada, única, mas que, também por isso, se reencontrado no estágio em que deixou seus textos, pode encantar-nos e surpreender-nos.

A presente tradução resultou da necessidade de contar, em nosso trabalho sobre a gramática das cores<sup>1</sup>, com uma edição adequada dos

---

<sup>1</sup> João Carlos Salles, *A gramática das cores em Wittgenstein*. Campinas: CLE-UNICAMP, 2002.

manuscritos 176, 172 e 173, tal como classificados no catálogo das obras elaborado por Von Wright. Cabia-nos portanto apoiar nossas afirmações em um texto confiável, dispondo ademais de uma tradução correta de nossa fonte primária mais importante. Essa, a justificativa principal para termos iniciado o trabalho seguinte. De imediato, percebemos a necessidade de uma outra tradução em língua portuguesa, uma vez que a disponível deixa a desejar. Mas, além disso, o cotejo entre as fotocópias dos manuscritos originais, tal como editadas pela Cornell University, e a edição da professora G. E. M. Anscombe levou-nos a constatar: mais do que uma simples tradução, o texto necessitava ser primeiro restabelecido, tantos os descuidos, as omissões, uma comprometedora ausência de variantes e ainda a falta de um pequeno conjunto de parágrafos do manuscrito 169, que merece a justo título figurar como uma quarta parte dessas anotações sobre cores<sup>2</sup>. Acreditamos, além disso, ter encontrado razões para propor uma nova ordenação para a parte II do texto e evidências de que a datação proposta por Anscombe, conquanto possível, seja bastante inverossímil. Em resumo, as razões que justificam uma revisão minuciosa do material editado são as seguintes<sup>3</sup>:

(i) Em primeiro lugar, parece-nos que a ordenação original do texto da parte II difere da editada — o que não foi corrigido nem mesmo na edição eletrônica do *Nachlass*. O texto deve iniciar-se sim no § {11} até o § {20}, ao que se seguem os §§ {1-10}<sup>4</sup>. Desse modo, beneficia-se em força e em clareza, pois: (a) o atual § {1} deixa de estar isolado, completando a série de situações fictícias contrapostas à análise fenomenológica de Goethe; (b) novos agrupamentos argumentativos se criam e nenhum é desfeito; (c) os §§ {11}, {12} e {13} (nossos §§ 1, 2 e 3) cumprem então a perfeita função de introduzir uma proposta de tratamento do problema das cores.

<sup>2</sup> Posteriormente, foi feito o cotejo com a edição eletrônica da Universidade de Bergen.

<sup>3</sup> Acerca de tais razões, enviamos uma carta à professora Anscombe, postada em 30 de outubro de 1995. Infelizmente, não tivemos nenhuma resposta. Cf., para uma exposição mais detalhada de tais razões, os trabalhos “Considerações sobre o texto das *Bemerkungen über die Farben*” e “Considerações sobre a edição das *Bemerkungen über die Farben*”, ambos publicados em João Carlos Salles, *O Retrato do Vermelho e outros ensaios*, e também o artigo “On Remarks on Colour” (publicado na *Revista Princípios*, vol. 13, 2006, pp. 165-71).

<sup>4</sup> Entre chaves indicamos a numeração de Anscombe que consideramos equivocada.



Assim, Wittgenstein apresenta no § 6 {16} a fixidez conceitual, inabalável, *zeitlos*, da *Farbenlehre* de Goethe. Começa, então, nos §§ 7-11 {17-1}, não a propor a quebra de uma necessidade, que a *Farbenlehre* conserva na medida da subsistência do sentido de um emprego a que se filia, mas a exibir essa própria limitação pela invenção de exemplos em que suas leis não mais se aplicariam, sem que por isso tenha sido gerada uma contradição. Nesse sentido, o § 11 {1} mostra-se, em nossa ordem, pleno de sentido. Aliás, essa será a linha de argumentação privilegiada posteriormente, quando Wittgenstein, contrapondo-se à tentação fenomenológica, enunciará que as análises de Goethe do caráter da cor, fechadas a um único critério de identidade, são inúteis ao pintor. Por isso, o amarelo e o preto da paleta serão vistos como dourado no quadro de Rembrandt, e o que posso pintar com ocre pinto-o assim porque o vejo assim, em certo contexto, a saber, como um amarelo fortemente avermelhado. A pergunta em ambos os casos é pelo modo, pela técnica, por que se determina a identidade de cor<sup>5</sup>. O § 11 {1} é pois central, seja no sentido de estar no centro do texto, materialmente falando, seja no de orientar prioritariamente a investigação futura sobre o conceito de identidade de cor. Em suma, aponta para um emprego de palavras para cores diferente do que se dá na paleta (*auf der Palette*) e determinado por outras técnicas, outros métodos de comparação, outros critérios de identidade.

Todo o texto ganha novo sabor com a reordenação. O § 11 {1} ficava isolado, apesar de sabermos o uso que Wittgenstein, em sua crítica ao emprego restrito na paleta, faz das considerações sobre o “ver”, sobre a impressão da cor como impressão do conjunto de tons. Percebíamos que o ver de relações internas em campo mais flexível era decisivo, mas, nessa ordem, o que tínhamos não era uma reflexão a esse respeito, senão uma anotação algo desconexa. Agora, não só a proposição se afigura como um exemplo a testar a preservação do significado dos conceitos da *Farbenlehre* em situações afastadas de seu uso originário, como introduz o modo correto de abordar uma dessemelhança no reino das palavras de cor. Os critérios

<sup>5</sup> Aliás, é no caso digna de nota a futura referência de Wittgenstein à técnica de pintura dos pontilhistas — herdeiros, através da leitura feita por Seurat, de uma outra doutrina das cores, bastante prática, a do químico francês Michel-Eugène Chevreul, que em 1839 publicou *La loi du contraste simultané des couleurs*.

de identidade são diversos não porque temos experiências diversas, diversas impressões do branco, mas sim porque as palavras para tais impressões, em particular as que ligam cores à percepção de *Gestaltqualitäten*, associam-se a elas segundo métodos específicos de comparação.

O conceito do branco determina-se em complexos jogos e em relação com noções relativas à percepção espacial; não se determina isolado, de modo que o possamos decantar em laboratório. Assim, caso alguém discorde de que o branco apaga diferenças, caso alguém não perceba a relação interna que proíbe um objeto branco de não ser turvo, não está tendo uma experiência diferente, não está  *vendo* o que pode contradizer nosso conceito, mas sim possui outra *Farbengeometrie* — sua percepção cromática equivale a um modo outro de usar significativamente as palavras para cores. Não  *vejo* algo que confirma minha *Farbengeometrie*; logo, tampouco posso ver o que estaria em contradição com ela. Caso não nos possamos entender acerca de proposições que em nossas gramáticas figuram essencialmente, são nossas gramáticas que não coincidem e não nossas “experiências” que estão contrariadas.

O texto parece-nos, portanto, se reordenado, um claro projeto de análise das proposições gramaticais sobre cores — projeto que será explorado e cumprido nas partes III e I. Ademais, há suficientes índices empíricos de que esta nossa proposta de ordenação não conflita com os manuscritos, sendo mesmo favorecida pelo que neles podemos ver, ao examinarmos suas fotocópias e, com a edição eletrônica, suas imagens. Por exemplo, há um espaço em branco ao fim do § {10} e apenas após esse parágrafo, o que é um bom indício de que aí acaba o texto. Além disso, a inversão da ordem é fácil e possível. Caso as quatro páginas do manuscrito estejam em folhas soltas, a mudança na ordem pode ocorrer com facilidade. Caso porém se trate de uma folha única com quatro páginas, o que pode ter acontecido foi a transformação das páginas internas em páginas externas. Uma composição do manuscrito em uma peça de papel almaço com quatro páginas nos mostra possíveis as duas ordenações: a proposta pela professora Anscombe, a saber, página 1 (§ {1} até parte do § {5}), página 2 (parte do § {5} até § {10}), página 3 (§§ {11-14}), página 4 (§§ {15-20}); e, por natural e mais clara, a ordenação que propomos, segundo a qual teríamos a seguinte ordem para as páginas 3, 4, 1, 2.

(ii) A respeito da data de composição da parte I, algumas dúvidas podem ser levantadas. A professora Anscombe afirma que ela teria sido composta em março de 1951, em casa do doutor Bevan, em Cambridge<sup>6</sup>. Entretanto, por mais que favoreça nosso intento de vindicar a centralidade do tema das cores, parece-nos algo inverossímil que Wittgenstein, tendo tão pouco tempo de vida e tanto por escrever sobre a certeza, tenha dedicado os primeiros dias de seu retorno ao trabalho, após ter sido suspensa a radioterapia, à revisão de material já escrito. Além disso, se o tivesse feito, teria tido pouquíssimo tempo, pois desde o dia 10 de março temos anotações datadas quase diárias sobre a certeza, que começaram em outro caderno (o MS 175) e só continuam no dia 21 de março no caderno do MS 176, em que se encontram anotações sobre cores, porque o outro caderno acabou. Além disso, há indícios fornecidos pelos traços verticais na parte II, deixada na residência de Anscombe, em Oxford, que apontam para um trabalho de revisão com vistas à composição da parte I. Notamos ainda ser bastante estranho, nesse período em que cada anotação sobre a certeza está datada (MS 175, MS 176 a partir da folha 22 e MS 177), como a indicar a importância de cada dia de trabalho em face da proximidade da morte, que não haja qualquer data nas primeiras 22 folhas do manuscrito 176, onde se encontra a parte I das anotações sobre as cores. Observamos enfim que, se forem confiáveis as datas apresentadas por Ray Monk em sua biografia de Wittgenstein<sup>7</sup>, ao contrário do afirmado no prefácio de Anscombe, a parte III não teria sido composta em Oxford, mas sim em Londres e em Cambridge. Não teria sido, então, a parte I aquela que Anscombe indica ter sido composta em sua residência? É claro que essas questões sobre a data de composição dos manuscritos não são assim significativas, salvo, primeiro, por indicarem a continuidade de um trabalho sobre as cores e mesmo a prioridade que lhe foi concedida em relação às reflexões sobre a certeza, tendo em conta que ambos os temas se apresentam contíguos no MS 172, e, segundo, por nos permitirem, também por sua datação, aproximar dos MSs 176, 172 e 173 um conjunto de oito parágrafos, que

<sup>6</sup> Com o que também Von Wright não parece concordar, pois, em seu catálogo, anota sobre o MS 176: “Caderno. 1950; 21 de março - 24 de abril de 1951. 160 páginas” (Georg Henrik, *Wittgenstein*, p. 56).

<sup>7</sup> Cf. Ray Monk, *Wittgenstein: o dever do gênio*, caps. 26-27.

se encontram separados ao final do MS 169, parecendo-nos bastante verossímil que tenham sido redigidos em período mais ou menos próximo.

(iii) Enfim, cumpre restabelecer a totalidade do texto, pois o resultado da omissão sistemática de variantes é, por exemplo, esmaecer os laços entre tais observações e o conjunto de reflexões anteriores sobre a filosofia da psicologia. Que tais laços se encontrem esmaecidos é algo que pode reforçar inclusive a impressão de que ainda aí Wittgenstein estaria a tentar uma análise da estrutura lógica da cor, quando sua tarefa agora se dirige, sobretudo, à lógica dos conceitos de cor.

Também vale anotar que, além das variantes omitidas e de algumas passagens truncadas, parágrafos inteiros da terceira parte foram supressos, segundo certos sinais da correção de Wittgenstein: um total de 73 observações, de quase 20 folhas dos manuscritos. Ora, em primeiro lugar, não se segue aí à risca nenhum critério, pois parágrafos que comportam sinalização semelhante foram incluídos. Em segundo lugar, o outro critério aludido (a saber, o de tratarem tais parágrafos de temas estranhos às cores) tampouco é respeitado, sendo alguns parágrafos “inoportunos” incluídos na edição de Anscombe, enquanto outros bastante importantes, e relativos indiscutivelmente ao tema das cores, não aparecem em sua edição (a exemplo dos parágrafos 32\* e 33\*). Logo, só poderíamos considerar restabelecido o texto se apresentássemos um texto integral, deixando aos intérpretes o trabalho, que de direito lhes compete, de propor aproximações e contrastes, de afirmar similitudes ou ver diferenças.

Mais ainda, também porque outra datação nos parece mais provável, acreditamos haver um texto do mesmo período que faz parte do mesmo fluxo de sua reflexão e julgamo-nos, por isso, obrigados a acrescentar a esses três manuscritos oito parágrafos do MS 169, separados por Wittgenstein ao início e ao fim do bloco pelo sinal “———|———”. O MS 169 não é mais um manuscrito inédito, tendo sido incluído no livro *Lezte Schriften über die Philosophie der Psychologie (1949-1951): Das Innere und das Äußere*. Entretanto, como também seus editores (G. H. von Weight e Heikki Nyman) não preservaram nenhuma marca de uma revisão de Wittgenstein, somente por recurso ao manuscrito podemos sabê-los separados.

Até a quadragésima sétima folha, o manuscrito 169 apresenta os típicos sinais de parágrafos passados em revista, que indicamos por [I].

Alguns membros novos se acrescentam à legião estrangeira wittgensteiniana, como o bebê com comportamento adulto, espécie de Adão reverso. Alguns de seus temas: a simulação, a oposição fora–dentro, a segurança dos juízos da matemática, o ver um aspecto. Pontos de contato importantes são indicados entre tais temas e as cores, a exemplo da avaliação da segurança relativa aos juízos sobre cores e a segurança objetiva própria dos juízos da matemática. E, assim, enquanto no MS 173 um bloco de observações (sobre o dentro e o fora, sobre teologia, sobre Shakespeare) é separado do curso normal de anotações sobre cores, no MS 169, ao contrário, estas são as que se destacam. Apresentadas tais observações já ao fim do manuscrito, às folhas 77 a 80, e exibindo então extraordinária semelhança na abordagem e nos exemplos sobre cores com o MS 173, além da adicional contigüidade com o tema da imagem do fora–dentro, consideramos haver indícios razoáveis para supor coetâneos o MS 169 e o MS 173, ao menos nessa parte coincidente. Desse modo, o MS 169, em nenhuma parte datado, mesmo se iniciado em 1949, deve ter sido concluído em torno de abril de 1950<sup>8</sup>, oferecendo-nos uma notável conclusão ao projeto de análise da lógica dos conceitos de cor contido no texto de Viena. É verdade que essas observações finais sobre cores não apresentam sinais de revisão, não foram revistas nem aproveitadas em uma versão posterior, mas, sem dúvida, testemunham o mesmo refinamento próprio dos manuscritos MS 172, MS 173 e MS 176, merecendo integrar as *Bemerkungen über die Farben*, sob a rubrica de uma quarta parte.

## 2.

Na transcrição do texto, alguns critérios foram seguidos e certos sinais adotados, com o fito de preservar o mais precisamente a inteireza do texto, do qual fazem parte as correções e comentários do próprio Wittgenstein, em sua revisão ou confecção dos manuscritos. Como já o dissemos, o texto editado por Anscombe suprime 73 observações e ordena

<sup>8</sup> É possível que esse caderno de notas tenha sido retomado um bom tempo após alguma interrupção — talvez, por exemplo, no verso da folha 65, onde aparece significativo espaço em branco.

erroneamente (segundo nosso juízo) os parágrafos de *BF II*. Além disso, separa indevidamente parágrafos que os manuscritos sugerem estar ligados. Não podemos, porém, esquecer que se trata do único e oficial texto editado, sendo fonte para a análise de vários comentadores. Alterar pura e simplesmente sua numeração seria espalhar uma confusão que bem pode ser evitada. Assim, os parágrafos supressos seguem em nosso texto uma numeração própria (de 1\* a 73\*), em que cada número é acompanhado por um asterisco (\*). Em notas, alertamos os leitores acerca de parágrafos indevidamente separados. E, na parte II, ao lado de nossa enumeração, conservamos entre chaves aquela proposta por Anscombe.

Ademais, em se tratando da edição de um texto não revisado para publicação por seu autor, cremos ser de bom alvitre que o editor se poupe o mais possível de fazer ele próprio suas escolhas e, com isso, não nos poupe o trabalho de enfrentar sem limites qualquer escolha possível do autor, de retomar o fio de sugestões talvez miúdas. Por isso, só pode ser isenta uma edição que recupere ao máximo o estado último do texto, ou melhor, do conjunto de fragmentos em explosiva latência, pois sempre anterior a qualquer responsabilidade completa do autor, sendo *stricto sensu* fonte apenas de sugestões, apoio por vezes tênue a nossas afirmações aventureiras. Ao cotejar porém o texto editado com os manuscritos, descobrimos que certas variantes, embora devam ser conservadas na edição do texto, não parecem em verdade comportar significativa diferença, salvo estilística, sendo por vezes difícil ou impossível encontrar uma correspondência em português (*e.g.*, para a tênue variação de matiz entre “*obgleich*” e “*obwohl*”). Outras variantes, porém, muitas e às vezes extensas, encerram delicados problemas conceituais, sendo absolutamente inexplicável sua omissão.

Em seus manuscritos, Wittgenstein (muita vez, ao exagero) se serve do sinal // para indicar uma variante (ou várias!). Outras vezes, escreve uma palavra acima de outra. Quando não risca a de baixo, não temos por que julgar que tenha feito uma opção. Anscombe, porém, sempre opta por uma das duas, sem que siga à risca algum critério. Percebemos apenas que, na maioria das vezes, ela optou pela palavra escrita acima, embora sejam várias as suas infrações dessa “regra”: ora escolheu a palavra escrita em cima e depois (BF I, § 50, e na maior parte dos casos), ora a escrita embaixo e primeiro (*e.g.*, em BF I, § 28). Ou seja, estamos nos havendo com suas preferências. É verdade que com freqüência a decisão em nada *parece* poder comprometer ou alterar o

sentido do texto. Mas como avaliar? Além disso, há omissões injustificáveis, como a da frase inicial inteira de BF I, § 7, ou o desaparecimento de variantes conceitualmente significativas, como a de BF I § 60. Ora, quando uma das variantes não está riscada, cabe anotar as duas! Afinal, um procedimento acaso irrelevante, se transformado em regra, pode ter resultados desastrosos. Vale observar enfim que a existência de variantes em *BF I*, durante sua composição, mostra tratar-se então de texto a ser ainda retrabalhado, embora Wittgenstein, ao escrever uma anotação em 21/3/51, pareça ter nesse instante abdicado de vez desse plano anterior, decidindo não mais levá-lo a cabo.

Todas as variantes não riscadas são assim transcritas e uma ordem de transcrição é seguida à risca, a saber, no texto restabelecido, damos preferência à última versão: o que Wittgenstein anotou em cima ou após o texto original aparecerá em primeiro lugar. Tivemos portanto a preocupação, que não julgamos excessiva, de indicar se as variantes que anotamos foram ou não escritas posteriormente ao curso natural da pena de Wittgenstein. Por outro lado, variantes riscadas não são transcritas, por mais que sejam ainda legíveis ou sugestivas. Tentar transcrevê-las faria retroceder o texto a uma etapa já descartada por Wittgenstein; além disso, mesmo se porventura esclarecedora a decisão de eliminar uma palavra, de substituir por outra uma expressão, a tentativa de reproduzi-las todas, ao lado das muitas variantes conservadas, conduzir-nos-ia a um emaranhado de versões superpostas e mesmo desconexas, em sua maioria, porque riscadas a ponto de perderem sua integridade — e nossa escolha de algumas delas, por as acreditarmos de maior interesse, resvalaria em uma interferência excessiva, semelhante à que temos criticado. Tentamos, pois, respeitar o texto de Wittgenstein, conservando inclusive na tradução sua pontuação um tanto idiossincrática, a exemplo do uso singular que ele faz dos travessões.

Assim, /: indica no corpo do texto o início de parte (ou palavra) para a qual é apresentada uma variante, mesmo que por vezes não comporte diversidade significativa em português e não encontre, por isso, correspondente na tradução. //: indica início e fim da variante. Sendo seu emprego semelhante ao de parênteses, pode estar incluído em variantes de maior escopo. Quando as variantes e subvariantes, por seu número excessivo, dificultarem ao leitor a reconstituição dos diversos textos em competição, em benefício da clareza e sem acréscimo nem diminuição

das possibilidades em jogo, repetiremos textos completos, mesmo para o que Wittgenstein apenas superpunha palavras.

Quanto aos demais sinais adotados, são os seguintes:

[/] — utilizado após o número do parágrafo, indicando que este se encontra riscado no manuscrito, mas não por ter sido recusado e sim por ter sido, digamos, “passado em revista”, sendo aproveitado ou não à letra em texto mais elaborado — no caso, em *Bemerkungen über die Farben I*;

{/} — registra sinal utilizado por Wittgenstein, comentando parágrafo inteiro, e que parece sempre indicar aprovação ao texto logrado. Vale alertar que nem sempre indica texto aproveitado em *Bemerkungen über die Farben I*;

{?} — comentário aparentemente crítico a um texto, mas que por vezes se liga e se volta ao signo anterior, o que registraremos assim : {?/};

{S} — sinal em forma de S, com que parece Wittgenstein depreciar a anotação. Schulte sugere que esteja por “schlecht” (ruim)<sup>9</sup>:

————|———— — reproduz signo semelhante ao que Wittgenstein interpunha entre anotações, como a separá-las por tema. Entretanto, quando serve para separar em bloco mais de 60 anotações, podemos bem ver que, entre elas, ao lado das que se referem a Shakespeare ou a questões teológicas, muitas são de interesse direto ao tema das cores;

|...| — estas barras colocadas no início e no fim de uma anotação também devem indicar que o tema tratado é de outra natureza;

*Bild* — em itálico indicamos as palavras sublinhadas no manuscrito por Wittgenstein;

BILD — em caixa alta, palavras duplamente sublinhadas;

Bild — sublinhadas, palavras no manuscrito com um sublinhado ondulado, que parece expressar alguma reticência, alguma restrição. Por vezes, aparecem grifos ondulados à margem, podendo indicar uma reserva a todo um conjunto de proposições. Tais grifos serão indicados em notas;

[Bild] — palavras ou sinais entre colchetes, acrescentados para conferir inteligibilidade ao texto. Vez por outra, sob uma palavra riscada, há nos

<sup>9</sup> Cf. Joachim Schulte, *Erlebnis und Ausdruck*, cap. 1, comentário sobre os sinais constantes dos manuscritos 130 a 138 — base para as seleções de textos sobre a filosofia da psicologia.



manuscritos um traço pontilhado; em alguns casos, tal recurso parece, por assim dizer, ressuscitar a palavra, que então será posta entre colchetes.

Outras observações ao texto restabelecido são, oportunamente, feitas em notas.

### 3.

Estabelecido, enfim, o texto, cabe traduzi-lo de modo a que se preserve o mais próximo possível do original do autor, ou seja, cabe oferecer das *Bemerkungen über die Farben* uma tradução que, sem pretender igualar-se à força literária dos textos de Wittgenstein, tanto tenha em conta sua armação conceitual como inclusive considere a ocasional importância de alguns austriacismos. Obviamente, tentar traduzir Wittgenstein é sempre um desafio. Seu alemão refinado, enganador pela recusa de uma falsa sofisticação; seu alemão preciso, econômico, logrando precisão técnica sem abusar de tecnicismos; sua prosa, enfim, filosófica e literária, costuma provocar desastres ao ser traduzida. Feita a ressalva geral, vale acrescentar: traduzir as *Bemerkungen über die Farben* confirma plenamente a regra<sup>10</sup>. É preciso estar preparado para encontrar o tom certo, a expressão adequada em um texto cuja forma também oscila da extrema economia verbal ao extremo de uma não menos precisa leveza estilística. Que se comparem os bastante literários §§ 59 a 65 da primeira parte com, por exemplo, o seu § 19, que tanto sabe ao estilo do *Tractatus*.

No esforço de traduzir, compulsamos outrossim a tradução de Linda McAlister e Margarete Scättele (*Remarks on Colour*; Londres: Basil Blackwell, 1977) e a de Gerard Granel (*Remarques sur les Couleurs*; Mauvezin: T.E.R.,

<sup>10</sup> É evidente, porém, que muitos dos parágrafos, sobretudo os da terceira parte, padecem ainda de repetições, comportando frases de desigual elegância; e Wittgenstein, obsessivo em multiplicar correções, dificilmente consideraria ter atingido em muitos deles a forma desejável. Por outro lado, se a traduzibilidade de um texto “está na razão inversa da inseparabilidade do conteúdo e da forma” (Paulo Rónai, *Escola de tradutores*; Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987, p. 57), equação que dispõe em extremos opostos a obra científica e a poética, temos um motivo a mais para empreender a edição integral dos manuscritos: muito menos lapidados, em estágio de laboração em que ainda concorrem muitas variantes, sua tradução deve ser considerada, se não mais fácil, com muito mais chances de ser bem-sucedida e sempre bem mais feliz que a tentativa de traduzir o *Tractatus* ou as *Investigações*.

1984), que reputamos de excelente qualidade, e a tradução de Filipe Nogueira e Maria João Freitas (*Anotações sobre as cores*; Lisboa: Ed. 70, 1987), que talvez cometa mais faltas do que as permitidas nesse tipo de jogo. Compulsamos ainda a tradução de Alejandro Tomasini Bassols (*Observaciones sobre los Colores*; Barcelona: Paidós-UNAM, 1994), cuja introdução de Isidoro Reguera apresenta, em meio a muitos preconceitos, uma útil tábua de correspondência entre os parágrafos da primeira e da terceira parte.

As notas ao texto em alemão pretendem tão-somente deixar ver os manuscritos a quem apenas tem acesso ao texto pelo conforto da letra impressa, enquanto os comentários ao texto em português visam sobretudo a dirimir dúvidas relativas à tradução, embora não raro possuam implicações filosóficas, ao justificar certas escolhas ou marcar a força ou recorrência de certos conceitos. Em condições ideais, o melhor tradutor é o que não se faz notar; por isso, lutamos ao máximo por não contaminar o texto com nossas interpretações. Como, porém, em alguma medida isso sempre ocorre, nossa luta pode ter sido vã, mas confiamos não ter tornado nosso trabalho inútil a quem porventura mantenha posições divergentes. Assim, um parágrafo extremamente denso em sugestões filosóficas pode não comportar dificuldade alguma de tradução; logo, cabe ao tradutor silenciar. Um exemplo: apesar das muitas variações estilísticas possíveis, não há problema algum na tradução do célebre § 53: “Embora não haja uma fenomenologia, há decerto problemas fenomenológicos”. A tradução está feita, é clara, e não cabe ao tradutor prescrever a leitores de filosofia um cuidado geral ou específico com conceitos ambíguos nem pretender resolver, em nota, a questão própria ao comentário filosófico acerca, digamos, de a que “fenomenologia” está Wittgenstein a referir-se<sup>11</sup>. Por outro lado, mesmo o mais glacial e imperturbável tradutor deve tecer considerações, por exemplo, sobre a palavra *klar*, pois é seu dever dirimir as ilusões geradas por esse “falso amigo”, sem descartarmos, com isso, a possibilidade de alguma relevância filosófica decorrer da precisão de seu sinuoso sentido.

<sup>11</sup> Cf., neste sentido, o claro e profundo artigo de Arley Ramos Moreno “Wittgenstein: fenomenologia e problemas fenomenológicos”, publicado em *Manuscrito*, vol. XVIII, nº 2, bem como o texto João Carlos Salles, “O paradoxo de Goethe”, publicado nos *Cadernos Wittgenstein*, nº 1; São Paulo: USP, 2000, pp. 37-55.

## APRESENTAÇÃO

Em suma, é sobre tal texto, por vezes inteiro, por vezes mal-acabado, que se volta nosso trabalho. Se bem-sucedido, não teremos feito pouco, uma vez que as *Bemerkungen über die Farben* são um momento privilegiado da reflexão madura de Wittgenstein sobre a natureza das proposições gramaticais.

---

Nota do diretor desta coleção

Excepcionalmente, a Apresentação deste livro é mais extensa que as demais da Coleção Multilíngües, por se tratar de uma edição inédita de texto de Wittgenstein.

BEMERKUNGEN ÜBER DIE FARBEN  
I, II, III UND IV